

Políticação foi o maior ganho

A politização dos professores e a descoberta, por eles, da comunidade como a grande aliada nos movimentos por melhores condições de trabalho e de ensino foram os principais ganhos da greve da Fundação Educacional. Esta é a avaliação da presidente e do vice-presidente do sindicato da categoria, Lúcia Carvalho e Walter Nel Valente, ao fazerem um balanço da mais longa — 46 dias — e mais unânime greve de Brasília — segundo o Sinpro, apenas 2 mil 800 dos 16 mil 100 professores da FEDF voltaram ao trabalho antes da decisão ser tomada em assembléia.

— A categoria descobriu sua força na união e no poder de influenciar a opinião pública, sua força de construir e até de mudar a sociedade — afirma Lúcia. Walter Nel lembra que, mesmo no final do movimento, quando já havia professores dispostos a dar aula e uma maciça campanha da Secretaria de Educação no rádio incentivava os pais a mandarem seus filhos para a escola, a população esperou a decisão da assembléia da categoria.

ALIANÇA

— A população fez uma aliança incrível com a gente. Mas isso aconteceu porque a greve já havia passado pelo crivo da comunidade, nos dois dias V (dias da Verdade) que realizamos antes da decretação do movimento, quando os professores reuniram-se com alunos e pais, mostraram seus contracheques e provaram quais eram as reais condições de ensino nas escolas — observa Walter Nel.

Ele lembra que, embora “infelizmente” não tenha havido nenhuma melhoria concreta das condições de ensino, os professores da Fundação finalmente conseguiram a implantação integral do quadro de carreira. “Apesar de todas as suas imperfeições, ele existe. Seu aperfeiçoamento é a continuação da luta”.

Em termos de aumentos salariais, um terço dos professores ganhou apenas o IPC integral — os não habilitados e aqueles com até três anos de Fundação. Os outros dois terços ganharam aumentos variáveis acima do IPC. “Segundo dados da FEDF, estes aumentos representaram um acréscimo de mais 32 por cento na folha de pagamentos”, afirma Walter Nel.

A reabertura das negociações entre o Governo e os professores — condição colocada pela assembléia para o retorno ao trabalho — não está sendo nada tranqüila. Os professores querem o imediato retorno dos 19 diretores exonerados e a revisão de diversas cláusulas do quadro de carreira, como a que considera faltas injustificadas obstáculo para promoção, a que extingue a reclassificação automática e a que regula a situação dos não habilitados.